

Lilian Maus



# Lilian Maus

Porto Alegre, 2023







**Lilian Maus** (Salvador/BA, 1983), representada pela galeria Aura (SP) e Roberto Alban (BA), é artista e professora do Instituto de Artes/UFRGS. Vive entre as cidades de Porto Alegre e Osório/RS. É Doutora em Poéticas Visuais e Mestre em História, Teoria e Crítica da Arte – PPGAV/Instituto de Artes da UFRGS. Graduou-se no Bacharelado em Artes Plásticas e na Licenciatura em Artes Visuais pelo mesmo instituto. Foi gestora cultural do espaço artístico independente Atelier Subterrânea (Porto Alegre, 2006-2015) e vem expondo em âmbito nacional e internacional desde 2004, tendo apresentado trabalhos em pintura, instalação e vídeo nos EUA, Canadá, Portugal, Alemanha, Rússia, Espanha, Colômbia, Chile, Argentina, Uruguai e Japão. Possui obras em acervos privados e públicos como MACRS, MARGS, IEAVI (RS), Pinacoteca Barão de Santo Ângelo (UFRGS/RS), Pinacoteca Ado Locatelli, Instituto Figueiredo Ferraz (SP), Museu do Trabalho (RS). Recebeu prêmios nacionais da Funarte, Ministério da Cultura, PROEXT-UFPE, e, no Rio Grande do Sul, o Prêmio Açorianos de Artes Plásticas em diversas categorias. Internacionalmente, seu filme *Travessia*, realizado em parceria com Muriel Paraboni, vem recebendo prêmios e destacando-se em festivais. Em 2019, ganhou Melhor Cartaz no Festival New Harvest Film Festival, Moscou, Rússia e foi semi-finalista no ALFFF Summer, em Toronto, Canadá, indicado a Melhor Roteiro. A artista multimídia também escreve, tendo publicado os seguintes livros: “A Palavra está com elas: diálogos sobre a inserção da mulher nas artes visuais” (2013), “Atelier Subterrânea” (2010), o catálogo “Onde o Desenho Germina” (2012), o livro de artista “Estudos sobre a terra” (2017) e o livro Infantil “Mar de Brincar” (2021). Suas últimas individuais foram: “Linhas Cruzadas” (2021), Fundação Força e Luz, Porto Alegre, Vídeo-instalação “Memórias da água”, no Canal de Irrigação Santa Terezinha, Residência Casco, Passinhos/RS (2021); “Ygápéba” (2021), Intervenção na paisagem, Residência Casco, Lagoa dos Barros, Passinhos/RS; “Navegação Interior” (2020), Casa de Eva, Campinas/SP; “Cosmogonias Lúdicas” (2020), Sala Habitart, Porto Alegre; “Travessia por terra, água e ar” (2019), Paço dos Açorianos, Porto Alegre; “Olho d’água” (2018), curadoria: Márcio Harum, na Galeria Aura, São Paulo.

# Entrevista de Isabel Waquil com Lilian Maus



*Isabel Waquil: Em textos e catálogos são recorrentes as aproximações entre tua obra e elementos da natureza, fenômenos naturais, paisagens e jardins. Tem algo específico que te inspira a produzir, a criar?*

**Lilian Maus:** Há situações que me inspiram mais, com certeza, e acho importante criar condições favoráveis – em meio às atribulações do dia a dia – para o desenvolvimento do trabalho artístico. Daí a criação de um ateliê fora da capital, em Osório, uma cidade litorânea aparentemente pacata, repleta de paisagens idílica, lendas e fantasmas, situada em uma região geográfica fundamental na história do povoamento do Rio Grande do Sul. Gosto de ter meu ateliê nessa cidade cheia de histórias e de trilhar o Morro da Borússia, a

região da Mata Atlântica local. Além disso, Osório, antiga “Paragem das Conchas” (nome que me inspirou em vários trabalhos), faz parte do meu imaginário infantil, já que nela eu morei por 10 anos durante a infância, logo depois de ter me mudado com a família da Bahia para o Rio Grande do Sul. Pegar a estrada para cumprir esses 100km até o ateliê é quase uma meditação. Sempre que retorno a Osório, confronto memórias com a percepção atual: é algo que desencadeia em mim uma espécie de “choque” e, ao mesmo tempo, um fluxo de consciência interessante para o processo criativo, traz um pouco dos ares de Walter Benjamin, em seus escritos “A infância em Berlim por volta de 1900”.

Já sobre minha relação com a natureza, eu diria que, mais do que a simples observação de fenômenos naturais, o que me instiga sempre é colocá-los em relação à produção cultural do homem, sistematizando esse conhecimento e sensibilizando os sentidos. Lembro agora de uma entrevista de Wim Wenders em que fala desse poder da paisagem de contar sobre a ação humana mesmo na ausência da figura do homem. Gosto de entender a natureza não como algo apartado de nós, mas do qual somos constituídos. Mais do que um ambiente harmônico e acolhedor, tão explorado atualmente





pelo mercado, a natureza traz também o caos, essa força horizontal e sinuosa que tentamos controlar através da verticalidade e das linhas ortogonais das cidades, mas que está presente em nossa própria constituição, em nosso gene.

*IW: De que modo tu vês essa relação entre situações de viagens/deslocamentos e a tua produção artística?*

**LM:** Para mim, os projetos artísticos resguardam muito desse espírito de aventura dos artistas viajantes, mas hoje, dentro de uma leitura pós e de(s)colonial. Ao mudarmos de ambiente, abrimos nossos pulmões aos ares do futuro, que vêm até nós como a mancha borrada da paisagem que passa pela janela. Aos poucos, é preciso equilibrar o olhar entre a janela lateral (que produz em nós aquela náusea típica do movimento constante que impede nossos olhos de focar) e o para-brisa frontal ou traseiro, onde é possível criar, ainda que temporariamente, um ponto focal a partir das linhas guias em perspectiva da estrada, produzindo de forma mais controlada e racional. Paradoxalmente, a maior parte do tempo de qualquer viagem ou projeto artístico se dá nesse período de tédio, em que estamos a caminho de um “grande acontecimento” e nada parece acontecer de fato. E os relatos finais costumam suprimir esses instantes vagos. Além disso, as viagens nos ajudam a perceber o quanto a própria percepção da paisagem e a construção da nossa identidade se dá sempre em relação ao outro e, ao mesmo tempo, a partir dos códigos da linguagem que disponibilizamos no momento. É algo cultivado, e, por sorte, construído também por lapsos e desvios. Construir uma obra é, em certa medida, tecer uma espécie de relato de viagem, onde o artista compartilha uma visão de mundo a partir da reunião de fragmentos, ações e registros que juntos conformam uma espécie de castelo de areia, a espera da próxima onda, do inevitável desmanche e de um possível recomeço para esse arquivo-vivo e em constante transformação.

Gosto também de comparar a ideia de produção de uma obra com o cultivo do jardim, onde é preciso agir, mover a terra, buscar e plantar sementes, mas sempre observando o terreno, o clima, vendo o que brota, o que morre, perceber as interações todas que ocorrem nesse pequeno espaço. Às vezes esse espaço pode ser uma pequena folha





de papel. Há situações em que há um controle maior do processo, que podemos associar à precisão dos jardins geométricos franceses, já noutras, há uma espontaneidade maior, como ocorre nos jardins ingleses.

*IW: Como surgiu “Área de Cultivo”, uma série marcante dentro de tua produção?*

**LM:** A série é um desdobramento das aquarelas e dos meus cadernos de desenho, que sempre foram experimentais e despreziosos. Até 2007 eu trabalhava muito nesse formato de livro e caderno, até pelo fato de eu não ter um ateliê próprio que favorecesse a produção de trabalhos em grandes formatos. Nesses desenhos abstratos da série, eu comecei a entender a superfície do papel como um território a ser cultivado. São desenhos que começam sempre no chão, com a tinta bem diluída, em que eu não tenho um controle total sobre o que está sendo produzido, posteriormente, vou

adicionando mais camadas até que os trabalhos vão para vertical e, nesta posição, os finalizo, agregando materiais secos ou oleosos e, por vezes, colagens. Uma coisa é esse gesto mais propício ao acaso e que a mancha dilui, outra, são os gestos intencionais que produzem linhas mais gráficas e que remetem tanto às texturas das paisagens que observo (plantas, fungos, líquens, rochas, animais), como ao próprio gesto primordial da escrita. Toda imagem começa pelo rastro e vestígio de uma memória da água, mas depois ganha a verticalidade e o gesto arbitrário da mão.

Costumo fazer uma relação dos papéis estendidos no chão com os tapetes orientais, em que também se faz essa relação com jardim desenhado e ornado para dentro das casas. Aproveitando essa metáfora do jardim, é importante dizer que, em muitos desses trabalhos, recorto partes do papel e enxerto em outros trabalhos, como se os campos pudesses migrar de um território a outro, como se o conjunto dos trabalhos funcionasse como uma espécie de jogo de encaixes. É surpreendente vê-los juntos no espaço expositivo. Normalmente esses recortes na superfície são circulares, tanto para facilitar o encaixe, como para criar a sensação de lentes de aumento ou de túneis porosos que permitem a penetração de um trabalho no outro, enxertos. Há o entendimento da própria superfície como um jogo de relações que se constrói junto com o acaso e a partir dos meios de que disponho no momento. Em alguns trabalhos adiciono insetos que caíram pelo ateliê no momento, lascas de tinta ou pedacinhos das calçadas de ardósia que vão sendo corroídas pelas chuvas. Osório é uma cidade bem úmida e, por vezes, esses trabalhos levam semanas secando. É também um exercício de espera e paciência e costumo trabalhar em vários desenhos ao mesmo tempo, por isso, às vezes, há grupos de trabalhos em que utilizo tonalidades similares. Sobre o uso da cor, é nesta série que tenho desenvolvido e aprofundado o aspecto relacional da cor. A cor não existe por si mesma, é sempre uma interação da luz com a matéria e, depois, uma abstração do nosso aparato da visão. Goethe tem belos estudos sobre a cor. Elas são sempre comparativas, sistêmicas, não existem de forma isolada.

\* *Entrevista de Lilian Maus à jornalista Isabel Waquil, 2015, reeditada em 2023.*



# Sobre as obras apresentadas na SP ARTE



**N120** é um trabalho inédito da artista Lilian Maus foi realizado a partir da observação de fungos e líquens. A obra faz parte da série *Área de Cultivo*, produzida desde 2010, que metaforiza o jardim através da pintura, como uma espécie de natureza cultivada. A composição foi criada a partir da coleção de imagens microscópicas científicas e da observação direta da Mata Atlântica do sul do país. A artista busca enfatizar nos seus gestos pictóricos as texturas e colorações decorrentes do processo de deterioração e transformação da matéria orgânica pelos líquens e fungos, jogando com a escala do micro e do macrocosmo. Interessante pensar o conceito de transformação de tudo que é vivo.

A pintura começa pelos empoçamentos de água, polímero acrílico e pigmento. Há uma longa espera para que o líquido vaporize. Imagens vão surgindo das manchas por fortuna e leveza. O fundo aquoso, com a tela estendida na horizontal, é o berço nascedouro da obra, em que a gravidade deposita a tinta e sedimenta manchas. Após a secagem, a obra vai para o plano vertical, em que a artista segue uma composição mais espessa e gráfica, trabalhando com empasto a óleo e com colagens de outras telas a que nomeia “enxertos”, compreendendo a pintura como uma espécie de jardinagem.

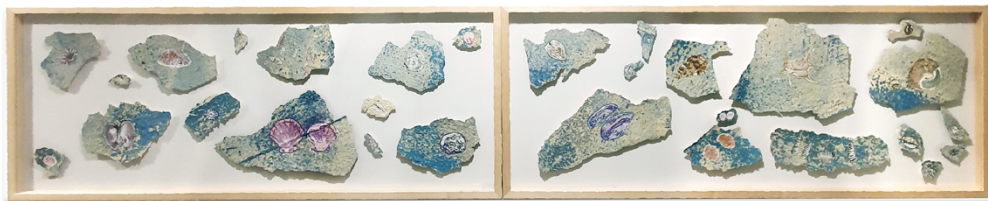
*Vídeos sobre a série *Área de Cultivo*:*







N120, série Área de Cultivo, 2022  
acrílica e óleo sobre tela  
120 x 170 cm  
Lilian Maus

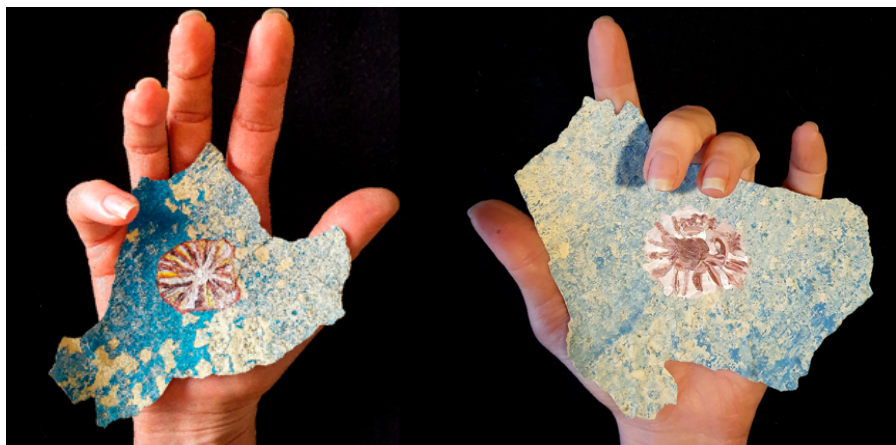


Micronacionalismo das conchas, 2022  
Pintura acrílica sobre lascas de parede alfinetadas em foam board  
100x40cm (cada quadro)  
Lilian Maus

**Micronacionalismo das conchas** (2022) é um trabalho realizado durante a residência artística no acervo da SEMA, Secretaria do Meio Ambiente de Porto Alegre, e exibida em 2022 na exposição “Reviver” (curadoria: Márcia Rosa e Janine Arruda), no Jardim Botânico de Porto Alegre, durante a pandemia do Covid-19. São imagens de pequenas ilhas de conchas catalogadas do Museu de Ciências. A artista as imaginou vivendo isoladas umas das outras, criando barreiras artificiais em vicariância (mecanismo evolutivo no qual a distribuição de uma espécie ancestral é fragmentada em duas ou mais áreas, devido ao surgimento de uma barreira natural). Não por acaso, as pinturas acrílicas foram feitas sobre fragmentos de paredes craqueladas pelo tempo. Contam a história da pintura, dos afrescos, mas também do próprio descaso dos governos com suas instituições públicas culturais e científicas, dando a ver, através de uma poética de fragmentos, sua beleza e também ruína.

As dissecações, envelopes e gavetas dos acervos científicos resguardam certa semelhança com as tumbas, onde os seres já sem vida repousam junto a seus nomes. Seria a concha uma espécie de tumba ou de casa? Que fascínio é este o qual exerce sobre nós a madrepérola? Joia lapidada pelas águas, que acompanha a humanidade como utilitário desde os tempos mais remotos. Na caverna de Blombos, arqueólogos maravilhados, encontraram um abalone incrustado nas paredes ao lado de pedras pintadas com vermelho ocre há 73 mil anos.

Se a poesia indaga a natureza da linguagem, a ciência classifica a linguagem da natureza. Impondo nome às coisas. A ordem classificatória que rege o universo da ciência exige um fluxo contínuo e correspondente entre ver e ler. Há um longo caminho entre observar, coletar, dissecar e classificar o reino dos vivos. Já a natureza não nos coloca apelido, ela nos enreda. Ela nos aceita, acolhe ou aniquila, por vezes, em profundo silêncio.

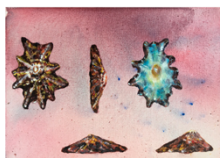
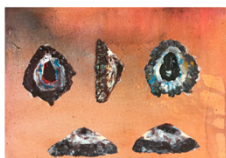


Vídeos sobre a obra *Micronacionalismo das Conchas*:





N92, série Área de Cultivo, 2020  
Pintura acrílica sobre tela  
130x160cm  
Lilian Maus



Inventário de conchas: Cymbula compressa, 2018  
Inventário de conchas: Cymbula granatina, 2018  
Inventário de conchas: Scutellastra longicosta, 2018  
Pintura acrílica sobre tela, 35x25cm  
Lilian Maus



N118, série Área de Cultivo, 2022  
Pintura acrílica sobre tela  
108x166cm  
Lilian Maus



N111, série Área de Cultivo, 2022  
Pintura acrílica, a óleo e colagem de tela sobre tela  
64x84cm  
Lilian Maus





N124A e N124B,  
série Área de Cultivo, 2022  
Pintura acrílica sobre tela  
155x260cm (díptico)  
Lilian Maus

N119 A e N119B,  
série Área de Cultivo, 2022  
Pintura acrílica e a óleo  
e colagem de tela sobre tela  
84x208cm (díptico)  
Lilian Maus



N110, série Área de Cultivo, 2021  
Pintura acrílica e a óleo e colagem de tela sobre tela  
84x101,5cm  
Lilian Maus







Organização Lilian Maus.

© Danielle Goularte: retratos nas páginas 5, 7 e 8.

© Lilian Maus: textos e demais fotografias.

© Isabel Waquil e Lilian Maus: entrevista.

Este livreto foi composto em Public Sans com projeto gráfico de Marina Polidoro.

Março de 2023.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L728

Lilian Maus / [Lilian Maus (Org.)]. –Porto Alegre : Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2023.

24 p.

ISBN 978-65-5973-220-3 (E-book)

ISBN 978-65-5973-221-0 (Impresso)

1. Exposição de arte-catálogo 2. Pintura 3. Arte contemporânea I. Maus, Lilian. II. Waquil, Isabel.

CDU 7.039

Bibliotecária responsável  
Catherine da Silva Cunha  
CRB 10/1961



Rua da Consolação, 2767 – Jardins  
São Paulo/SP – Brasil  
Estacionamento conveniado  
Rua da Consolação, 2825  
Funcionamento  
Seg a sex das 10h às 19h  
Sáb das 10h às 17h

Site: [www.aura.art.br](http://www.aura.art.br)  
Instagram: @aura.galeria

Mais informações sobre a artista:  
Site : [www.lilianmaus.art.br](http://www.lilianmaus.art.br)  
Instagram : @lilianmaus  
Canal Youtube : <https://www.youtube.com/@liumaus/playlists>  
Email: [lilimaus@gmail.com](mailto:lilimaus@gmail.com)





